

GUIÃO PEDAGÓGICO

MAÇÃO

(Guião 21)

PROGRAMA DE VISITAS DE ESTUDO

Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo



Cofinanciado por:



Apresentação

A Comunidade Intermunicipal do Médio Tejo (**CIMT**) determinou no seu *Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação* (PEDIME) um conjunto de medidas que, através da Educação, concorrem para a *coesão sustentável do território*.

Para responder ao *Programa de Visitas de Estudo*, medida integrada no PEDIME, e ao encontro da promoção da cultura científica, das artes e das competências metacognitivas (desenvolvimento de maneiras de pensar os problemas), estabeleceu como ação estratégica a construção de um conjunto de guiões pedagógicos de apoio a visitas de estudo.

O traço estruturante deste projeto foi a conexão entre *património*, *currículo* e *visitas de estudo*. A criação de 45 guiões pedagógicos, direcionados à planificação curricular e didática de visitas de estudo, foi organizada pelo CICS.NOVA e uma equipa de professores/investigadores, em articulação com a área da Educação, Cultura e Turismo dos Municípios e Agrupamentos que integram a CIMT e serviços educativos dos espaços.

A metodologia desenvolvida procurou promover a capacidade de *mobilização de conhecimento para a resolução de problemas* ou para o desenvolvimento de projetos que, partindo do contexto geográfico e cultural, possam conduzir o(a) aluno(a) a consolidar e a desenvolver os seus conhecimentos, bem como o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e metacognitivas.

Fomentar momentos de debate, reflexão conjunta, de configuração de soluções às problemáticas apresentadas fizeram parte dos objetivos deste projeto que alia a descoberta à criação e que *promove o conhecimento sobre o território da CIMT* como espaço de aprendizagem científica e cultural e o desenvolvimento do que poderemos designar por turismo escolar e *valorização de diferentes tipos de património*, tendo como público não só as escolas e agrupamentos de escolas da região, mas igualmente do resto do país.

Metodologia¹

Diversos estudos sobre o papel das visitas de estudo na educação apontam para a sua prática pedagógica como uma estratégia que promove o *desenvolvimento de competências intersociais e científicas e potencia as aprendizagens de diferentes áreas disciplinares*.

Partindo das perspetivas de currículo integrado questionou-se sobre **como planificar curricular e didaticamente visitas de estudo**.

A *integração curricular*, na prática, começa com a identificação de questões, temas organizacionais, unidades temáticas ou núcleos de experiências perante a aprendizagem. Assim, a estratégia metodológica privilegiada na construção destes guiões considerou uma aprendizagem baseada em problemas, formulados a partir do questionamento dos espaços a visitar, considerando os conteúdos curriculares do ensino básico e a metodologia de projeto, com a proposta de construção de um **portefólio de aprendizagens**.

A planificação *didática da visita de estudo* foi organizada segundo os pressupostos:

- **Validade** – atende à articulação entre espaço e currículo.
- **Utilidade** – compreende a oportunidade de explorar os conteúdos curriculares em novos ambientes educativos, catalisadores na mobilização de competências para a resolução de problemas.
- **Significação** – considera as experiências vivenciadas pelos(as) aluno(as) e está por isso associada à ligação entre o conhecido, o vivenciado e a novidade.
- **Adequação** - contabiliza o desenvolvimento integral de todos os(as) alunos(as) de acordo com os documentos curriculares, normativos.
- **Flexibilidade** - determina relações interdisciplinares, num ambiente pluri/multidisciplinar.
- **Avaliação** - atende à construção de instrumentos de monitorização e avaliação das aprendizagens, em articulação com os procedimentos organizacionais de autoavaliação e avaliação externa.

Os 45 guiões pedagógicos organizados constituem-se referências num *plano de desenvolvimento curricular de nível meso* e propõem práticas curriculares situadas sobre a interven-

¹ Organizada pela equipa científica.

ção didática, contextualizada e integrada, mas a adaptar aos documentos internos que regem a ação educativa de cada agrupamento de escolas.

Espaço

A definição dos espaços reconhece uma análise prévia construída a partir de códigos reflexivos e de *carácter patrimonial, identitário e científico*.

Problemática

A problemática é desenvolvida tendo em conta o espaço e os conteúdos curriculares/programáticos das diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Na problemática pode existir uma ou mais *questões nucleares* que orientam a construção do guião. A exploração da problemática deve contribuir para uma *melhor compreensão dos desafios locais/regionais*, impacto nacional e também pode conduzir a um projeto de valorização ou *intervenção pelo desenvolvimento sustentável da região*.

Conhecimentos e Competências

Partindo dos documentos curriculares, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, determinam-se os ciclos, anos de escolaridade, conhecimentos e respetivas competências, que de forma horizontal ou vertical promovem a interdisciplinaridade, nos processos e produtos da aprendizagem.

Fases da Visita de Estudo

Os guiões de visitas de estudo procuram potenciar as maneiras de pensar do(a) aluno(a) ao longo dos diferentes momentos, numa perspetiva investigativa. A partir da problemática definida, sugere-se a promoção da relação investigador/objeto, bem como a reflexão sobre a finalidade da atividade científica e a intencionalidade da aprendizagem.

Antes da visita de estudo

Construir a contextualização histórica sobre o espaço e as atividades a desenvolver com os(as) alunos(as) para a exploração da problemática, considerando e adaptando às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina. Fomentar, igualmente, a criação de hipóteses. Neste momento, estabelece-se o protocolo de preparação da saída e trabalho de campo, em articulação com o

espaço, definindo a realização de uma visita guiada ou autónoma.

Durante a visita de estudo

Aplicar o protocolo de recolha de dados segundo os materiais didáticos/pedagógicos e instrumentais construídos, adaptado às diferentes componentes ou área disciplinar/disciplina e à tipologia de visita de estudo.

Após a visita de estudo

Implementar atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Promover a divulgação das conclusões e recomendações da problemática estudada à comunidade. Finalizar o portefólio.

Avaliação

Portefólio, autoavaliação, entre outros instrumentos a definir pelo grupo de professores (as).

Oportunidades/Possibilidades do Guião-tipo:

- Reconfigurar o espaço e outros conhecimentos e competências.
- Promover a articulação entre guiões.
- Organizar outras problemáticas sobre o mesmo espaço, ou novos espaços para uma mesma problemática.

Referências:

- Anderson, D. M. (2013). Overarching goals, values, and assumptions of integrated curriculum design. *SCHOLE: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*, 28(1), 1-10
- Beane, J. A. (2016). *Curriculum integration: designing the core of democratic education*. New York: Teachers College Press.
- Behrendt, M., & Franklin, T. (2014). A review of research on school field trips and their value in education. *International Journal of Environment and Science Education*, 9, 235-245
- Chun, M. S., Kang, K. I., Kim, Y. H., & Kim, Y. M. (2015). Theme-Based Project Learning: Design and Application of Convergent Science Experiments. *Universal Journal of Educational Research*, 3(11), 937-942
- Dewitt, J. & Storksdieck, M. (2008). A Short Review of School Field Trips: Key Findings from the Past and Implications for the Future. *Visitor Studies*, 11(2), 181-197
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Coleção Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (Org) (2006). *Interdisciplinaridade: Antologia*. Coleção Campo das Ciências. Porto: Campo das Letras.
- Rennie, L. J. (2007). Learning science outside of school. In N. Lederman & S. Abel (Eds.), *Handbook of research on science education*, 125-167. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Roldão, M.C. & Almeida, S. (2018). *Gestão Curricular - Para a Autonomia das Escolas e Professores*. Coleção Autonomia e Flexibilidade Curricular. Lisboa: DGE.
- Savery, J. R. (2015). Overview of problem-based learning: Definitions and distinctions. Essential readings in *Problem-based learning: Exploring and extending the legacy of Howard S. Barrows*, 9, 5-15
- Savin-Baden, M., & Major, C. (2004). *Foundations of problem-based learning*. Maidenhead, UK: Open University Press.



GUIÃO PEDAGÓGICO

MAÇÃO

VISITA DE ESTUDO:

Capela do Calvário

Capela de São Sebastião

Ermida de Santo António

Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora da Conceição

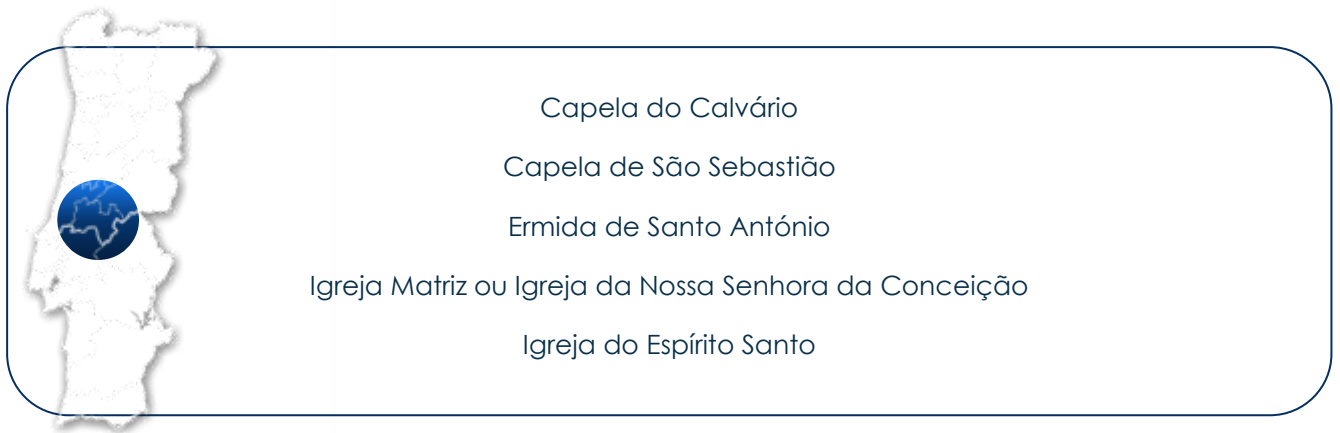
Igreja do Espírito Santo



MÉDIO TEJO
COMUNIDADE INTERMUNICIPAL

Cofinanciado por:





CONTACTOS

CÂMARA MUNICIPAL DE MAÇÃO**Morada:** Rua Pe. António Pereira de Figueiredo, 6120-750 Mação**Telefone:** +351 241 577 200 | +351 241 573 450 (posto de turismo)**Email:** geral@cm-macao.pt posto.turismo@cm-macao.pt**Website:** www.cm-macao.pt

SINOPSE

Uma proposta, entre muitas outras possíveis, de um percurso por alguns edifícios que fazem parte do património religioso de Mação. Neste caso pretende-se trabalhar uma problemática que, simultaneamente, olha para o passado e, propositadamente, reflete sobre o presente e o futuro. Interessa, pois, que os alunos percebam alguns dos motivos pelos quais aquelas igrejas, capelas e ermidas foram construídas e, também, sobre a necessidade de as preservar. É importante que se perceba que os exemplos aqui propostos para análise mais aprofundada são parte integrante do património religioso de Mação, muito diverso e rico.

No 1.º CEB relacionam-se o Estudo do Meio, a Matemática, o Português, a Educação Artística - Artes Visuais e Música; no 2.º CEB foram convocadas História e Geografia de Portugal, Português, Educação Visual e Matemática e, no 3.º CEB, relacionam-se conhecimentos e competências de História, Português, Educação Visual, Geografia e Matemática.

Propõe-se a elaboração de fichas de inventário do património construído com o objetivo de levar os alunos a observar, refletir e responder à problemática que orienta este guião: *Igrejas, capelas e ermidas – construí-las porquê, para quê? e Património religioso – preservar para quê?*. Mas como um edifício se integra num espaço mais amplo, é fundamental também que se observe o local de implantação e se discutam as suas características. Por outro lado, quer o exterior quer o interior dos templos podem servir como inspiração para diferentes cálculos (perímetros, áreas e volumes), para diferentes criações artísticas mas, também, para propostas de intervenção e de preservação do património histórico-religioso.

PROBLEMÁTICA

Igrejas, capelas e ermidas – construí-las porquê, para quê?
Património religioso – preservar para quê?

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>Estudo do Meio 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sociedade - Natureza - Sociedade/ Natureza/ Tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar datas e factos importantes para a compreensão da história local; reconstituir o passado de uma instituição local, recorrendo a fontes orais e documentais; construir um friso cronológico com os factos e as datas relevantes. - Descrever diversos tipos de uso do solo da sua região, comparando com os de outras regiões; identificar os diferentes agentes erosivos. - Identificar um problema ambiental ou social existente na sua comunidade, propondo soluções de resolução; identificar diferenças e semelhanças entre o passado e o presente de um lugar quanto a aspetos naturais, sociais, culturais e tecnológicos; reconhecer e valorizar o património natural e cultural - local, nacional, etc. - identificando na paisagem elementos naturais (sítios geológicos, espaços da Rede Natura, etc.) e vestígios materiais do passado (edifícios, pontes, moinhos e estátua, igrejas).
<p>Matemática 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Números e Operações - Resolução de problemas <ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio matemático • Comunicação matemática - Geometria e Medida - Organização e Tratamento de dados 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer relações numéricas e propriedades das operações e utilizá-las em situações de cálculo; calcular com números racionais não negativos na representação decimal, recorrendo ao cálculo mental e a algoritmos. - Conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas com números racionais não negativos, em contextos matemáticos e não matemáticos, e envolvendo grandezas e propriedades das figuras geométricas no plano e no espaço, e avaliar a plausibilidade dos resultados; reconhecer regularidades em sequências e em tabelas numéricas, e formular e testar conjeturas. - Identificar propriedades de figuras planas e de sólidos geométricos e fazer classificações, justificando os critérios utilizados; medir comprimentos, áreas, volumes, capacidades e massas, utilizando

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>e relacionando as unidades de medida do SI e fazer estimativas de medidas, em contextos diversos; desenhar e descrever a posição de polígonos (triângulos, quadrados, retângulos, pentágonos e hexágonos) recorrendo a coordenadas, em grelhas quadriculadas.</p> <p>- Analisar e interpretar informação de natureza estatística representada de diversas formas; reconhecer e dar exemplos de acontecimentos certos e impossíveis, e acontecimentos possíveis (prováveis e pouco prováveis).</p>
<p>Português 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar, organizar e registar informação relevante em função dos objetivos de escuta; usar a palavra com propriedade para expor conhecimentos e apresentar narrações. - Ler textos com características narrativas e descritivas, associados a finalidades informativas. - Registar e organizar ideias na planificação de textos estruturados com introdução, desenvolvimento e conclusão; redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita; exprimir opiniões e fundamentá-las; recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (musical).
<p>Educação Artística – Artes Visuais 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão (pintura; desenho – incluindo esboços, esquemas, e itinerários; técnica mista; escultura; maquete; fotografia, entre outras) nas suas experimentações; experimentar possibilidades expressivas dos materiais e das diferentes técnicas, adequando o seu uso a diferentes contextos e situações; escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas; manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.
<p>Educação Artística – Música 3.º e 4.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e Criação - Interpretação e Comunicação - Apropriação e Reflexão 	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar fontes sonoras diversas (sinos) de forma a conhecê-las como potencial musical; improvisar, a solo ou em grupo, pequenas sequências melódicas, rítmicas ou harmónicas a partir de ideias musicais ou não musicais (imagens, textos, situações do quotidiano, etc.); criar, sozinho ou em grupo, ambientes sonoros, pequenas peças musicais, ligadas ao quotidiano e ao imaginário, utilizando diferentes fontes sonoras. - Tocar, a solo e em grupo, as suas próprias peças musicais, utilizando instrumentos musicais e fontes sonoras diversas (sinos), recriando pequenos textos. - Comparar características rítmicas, melódicas,

1.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	harmónicas, dinâmicas, formais tímbricas e de textura em repertório de referência, de épocas, estilos e géneros diversificados.

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História e Geografia de Portugal</p> <p>5.º Ano</p> <p>- Portugal do século XIII ao século XVII</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicar os conceitos de Cristianismo, Clero, Ordem Religiosa. - Caracterizar os modos de vida dos diversos grupos sociais (clero, nobreza e povo). - Justificar o reforço da autoridade régia sobretudo a partir do século XIV. - Identificar/aplicar os conceitos: documento; território, produção artesanal, comércio, nobreza, clero, concelho, carta de foral, ordem religiosa, mosteiro, tratado. - Referir o contributo das grandes viagens para o conhecimento de novas terras, povos e culturas, nomeadamente as de Vasco da Gama, de Pedro Álvares Cabral e de Fernão de Magalhães. - Reconhecer que a troca de produtos durante a Expansão portuguesa também influenciou o património construído.
<p>Português</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita - Gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - Intervir, com dúvidas e questões, em interações com diversos graus de formalidade, com respeito por regras de uso da palavra. - Comunicar, em contexto formal, informação essencial (paráfrase, resumo) e opiniões fundamentadas. - Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas e em suportes variados. - Escrever textos em que se defenda uma posição com argumentos e conclusão coerentes, individualmente ou após leituras feitas e discussão de diferentes pontos de vista. - Utilizar apropriadamente os tempos verbais na construção de frases complexas e de textos.
<p>Educação Visual</p> <p>5.º e 6.º Anos</p> <p>- Experimentação e criação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar diferentes materiais e suportes para realização dos seus trabalhos; reconhecer o quotidiano como um potencial criativo para a construção de ideias, mobilizando as várias etapas do processo artístico (pesquisa, investigação, experimentação e reflexão); inventar soluções para a resolução de problemas no processo de produção artística; manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções, evidenciando os conhecimentos adquiridos; recorrer a vários pro-

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<p>cessos de registo de ideias (ex.: diários gráficos), de planeamento (ex.: projeto, portefólio) de trabalho individual, em grupo e em rede.</p>
<p>Matemática 5.º e 6.º Anos Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Figuras planas e sólidos geométricos - Medida 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever figuras no plano e no espaço com base nas suas propriedades e nas relações entre os seus elementos e fazer classificações explicitando os critérios utilizados. - Calcular perímetros e áreas de figuras planas, incluindo o círculo, recorrendo a fórmulas, por enquadramento ou por decomposição e composição de figuras planas. - Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de perímetros e áreas de paralelogramos e triângulos, e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História 7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Origem e difusão do Cristianismo - A Europa nos séculos VI a IX 	<ul style="list-style-type: none"> - Contextualizar o aparecimento do cristianismo na Palestina ocupada pelo império romano. - Relacionar a difusão do cristianismo com a utilização das infraestruturas imperiais romanas e com as condições culturais. - Explicar que a passagem da realidade imperial romana para a fragmentada realidade medieval se deveu ao clima de insegurança originado pelas invasões, pelos conflitos constantes e pela regressão económica. - Reconhecer a importância da Igreja enquanto fator de unidade numa realidade fragmentada. - Aplicar os conceitos de Igreja Católica e de Ordem Religiosa.
<p>História 8.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - Renascimento e Reforma - A cultura em Portugal no contexto europeu 	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a necessidade de reforçar o poder régio. - Relacionar a renovação cultural dos séculos XV e XVI com o apoio mecénico. - Compreender a inspiração clássica da arte renascentista e as especificidades do manuelino. - Compreender em que condições se desenvolveu, na Cristandade ocidental, um movimento de insatisfação e de crítica que culminou numa rutura religiosa. - Conhecer alguns dos princípios ideológicos que separam o protestantismo do catolicismo. - Reconhecer que tanto a reforma protestante como a católica foram acompanhadas de manifestações de intolerância, destacando o caso da Península Ibérica.

3.º CEB	
Conhecimentos	Competências
	<ul style="list-style-type: none"> - Caracterizar a arte e a mentalidade barrocas. - Concluir que os avanços verificados na ciência e na técnica se relacionaram com o desenvolvimento do método científico. - Enquadrar as novas propostas sociais e políticas na filosofia das Luzes.
<p>Geografia</p> <p>7.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Terra: estudos e representações - Meio natural: Relevo 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a localização absoluta de um lugar, usando o sistema de coordenadas geográficas (latitude, longitude), em mapas de pequena escala com um sistema de projeção cilíndrica. - Identificar formas de relevo.
<p>Português</p> <p>7.º e 8.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Oralidade - Leitura - Escrita - Gramática 	<ul style="list-style-type: none"> - Usar a palavra com fluência, correção e naturalidade em situações de intervenção formal, para expressar pontos de vista e opiniões e fazer a exposição oral de um tema. - Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades lúdicas, estéticas e informativas e em suportes variados. - Explicitar o sentido global de um texto, com base em inferências, devidamente justificadas. - Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa) no âmbito de géneros como: resumo, opinião, comentário e resposta a questões de leitura. - Utilizar apropriadamente os tempos verbais na construção de frases complexas e de textos.
<p>Matemática</p> <p>7.º e 8.º Anos</p> <p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Figuras Geométricas - Áreas e Volumes 	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar polígonos, identificando propriedades relativas a essas figuras, e classificá-los de acordo com essas propriedades. - Analisar sólidos geométricos, incluindo pirâmides e cones, identificando propriedades relativas a esses sólidos, e classificá-los de acordo com essas propriedades. - Reconhecer o significado de fórmulas para o cálculo de áreas da superfície e de volumes de sólidos, incluindo pirâmides, cones e esfera, e usá-las na resolução de problemas em contextos matemáticos e não matemáticos.
<p>Educação Visual</p> <p>7.º, 8.º e 9.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação e criação 	<ul style="list-style-type: none"> - Articular conceitos (espaço, volume, cor, luz, movimento, estrutura, forma, ritmo), referências, experiências, materiais e suportes nas suas composições plásticas. Manifestar expressividade nos seus trabalhos, selecionando, de forma intencional, conceitos, temáticas, materiais, suportes e técnicas.

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar diferentes tipos de património.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar diferentes tipos de informação.
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Mação é um concelho que pertence ao distrito de Santarém. Tal como é referido na página da Câmara Municipal de Mação (CMM),

Toda a área do concelho de Mação constitui riquíssima zona paleontológica e arqueológica. Em todas as freguesias encontram-se fósseis, o que mereceu larga referência a Nery Delgado (*Système Sillurique du Portugal; Étude de Stratigraphie Paléontologique*). No campo da arqueologia, a riqueza do Concelho é, sobretudo, da época Romana como o balneário romano em Ortiga. Um dos mais célebres de todos os achados foi o tesouro da Idade do Bronze do Porto do Concelho em Março de 1943, que se compunha de 42 peças (foices, lanças, machados, espadas, punhais, braceletes, etc.) (2018a).

Não é das mais antigas povoações do Concelho, sendo provável que a sua origem anteceda a da nacionalidade. Começando por ser um simples lugar ou aldeia na dependência de Belver, até ao reinado de D. Dinis em que já possuía alguma importância, e serviu de base a longa disputa entre os Reis e a ordem de Malta, na altura em que os monarcas queriam concentrar poderes.

Há quem se incline a atribuir o nome de Mação ao termo latino *mansionem* de *mansionis* que significa albergue. Mas tal derivação nem se coaduna com as leis de fonética. Na opinião do toponimista Dr. Joaquim da Silveira o étimo respetivo poderá estar no antigo português "maçom" (pedreiro, canteiro, alvener) do latim vulgar *macione* - *machio-nis* de origem germânica correspondente ao francês *maçon* e antigo provençal *masson* de igual sentido. Na Idade Média, o termo *masson* designou o simples artífice ou o diretor, ou o mestre-de-obras, o arquiteto. (...). Foi já durante o reinado de D. Dinis que Mação viu a sua importância reforçada. Tal como por toda esta região aqui estiveram templários e cavaleiros Hospitalários com sede em Belver. O primeiro foral foi-lhe concedido pela Rainha Santa Isabel sendo renovado em 1355 por D. Pedro I, sendo já nesta altura um Concelho. No entanto, mais tarde Mação passa para o concelho de Proença a Nova readquirindo a sua "autonomia" no final do séc. XIX. Da arquitetura religiosa da Vila de Mação destacam-se a Capela da Misericórdia onde se pode admirar um nicho com a imagem de S. Maria de Mação em pedra de Ançã do séc. XV vinda da região de Coimbra.

Também a Igreja Matriz merece destaque, construída em 1597, expõe elementos artísticos de rara beleza da arte portuguesa como os azulejos padronizados, com cercadura policromados do séc. XVII, e talha dourada do séc. XVIII nos altares e capelas. Por entre a cobertura de azulejo podemos reparar em vários registos figurativos, policromados de passagens bíblicas como a Visitação ou a Árvore de Jesse (2018b).

A origem do nome Mação é, como vimos, dúbia, existindo diversas especulações. Matos (2017) apresenta duas possíveis explicações: (1) "origem na palavra "mansio-mansionis" que significa estalagem ou albergue e que esta zona tenha sido local onde se estabeleceu uma estalagem durante a dominação romana, pois seria um local de passagem de viajantes vindos de Abrantes e que seguiam para Castelo Branco" (p. 14); (2) "do termo francês "maçom" que significa pedreiro, canteiro, alvener, e durante a Idade Média o termo passou a designar o diretor ou mestre de obras de arquitetura, o arquiteto" (p. 14).

O concelho de Mação tem um património edificado de cariz religioso notável pela quantidade e diversidade.

Este guião propõe a análise de apenas cinco exemplares desse património, incluindo igrejas, capelas e ermidas. É também proposto um itinerário mas os professores, se assim o entenderem, poderão traçar um percurso diferente, por outros edifícios religiosos que conheçam porque, na verdade, o que interessa é levar os alunos a questionar os motivos pelos quais se construíram todos aqueles templos, perceberem a sua relevância, observarem eventuais alterações, perceberem como está o seu estado de conservação e proporem intervenções eventualmente necessárias.

Pode recuar-se às origens e difusão do Cristianismo, à relevância da Ordem dos Templários, muito presente na região mas, sobretudo, cremos que interessa perceber como é que a Igreja Católica se

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

tornou um fator de unidade, o seu papel determinante na sociedade portuguesa medieval e moderna, a sua influência na renovação cultural renascentista. Por fim, interessa perceber também de que modo é que a Coroa se sentiu na obrigação de reforçar a sua autoridade – a autoridade régia contrariou assim a autoridade da Igreja e, sobretudo neste caso contra a Ordem dos Hospitalários de São João Batista de Jerusalém, de forma a reaver territórios que lhes tinham sido doados pelos primeiros reis, sobretudo D. Sancho I (ver Pereira, 1970, p. 399).

Na verdade, em 1194 D. Sancho I tinha doado àquela Ordem as chamadas terras de Guidintesta. Ali poderiam construir um castelo que contribuiria para a defesa e o repovoamento, ou seja, uma “tática defensiva e fomentadora” (Pereira, 1970, p. 401). Mas, a partir daí, toda aquela zona foi objeto de disputa entre a Coroa e a Ordem de Malta – inquirições sobre a jurisdição vão acontecendo porque à Coroa interessava reaver o que era “o usufruto dos bens e por fim o próprio provimento das vigarias dos padroados” (*idem*, p. 399). No século XVI, por exemplo, D. Sebastião “volta a usar do direito de nomear vigário para Santa Maria do Mação” (*idem*, p. 460), privilégio também usado por Filipe I e Filipe II e por outros reis como D. Pedro II em 1687. Para que não houvesse dúvidas, aparecia na documentação deste período como “vila da Coroa”.

Maria Amélia Pereira (1970) realça na sua obra e em transcrição dos Registos Paroquiais de 1758 as inúmeras ermidas em Mação e zonas limítrofes, expressão do poder económico e da influência da Igreja: Ermida do Divino Espírito Santo, com 3 altares, Ermida da Nossa Senhora das Necessidades, Ermida de São Sebastião, Ermida de Santo Hildefonso, Ermida do Bom Jesus do Calvário (um pouco distante da vila), Ermida do Apóstolo São Pedro, Ermida de Santo António, Ermida de São Domingos, Ermida de São Miguel, Ermida de São Marcos, Ermida da Senhora da Estrela, Ermida de São Mateus, Ermida de São Gens. Mas há igualmente várias igrejas e capelas que comprovam a diversidade e a riqueza deste património edificado de cariz religioso.

ESPAÇOS:**Capela do Calvário** (Figuras 2, 3 e 4)

Mação e a sua gente mantêm vivas as suas tradições e são várias as datas festivas que se fazem assinalar ao longo do ano sendo: festas ou feiras que assinalam momentos importantes e romarias que acontecem nas diversas aldeias do concelho, em honra dos seus padroeiros, as festas pascais, que ano após ano mantêm a tradição através da realização da procissão do “Senhor dos Passos” no 4º Domingo da Quaresma, bem como com a realização do chamado “Terço da Farinheira” durante as madrugadas da semana santa, entre outros eventos que fazem com que esta quadra religiosa seja um marco na cultura e identidade maçaense. Francisco Serrano faz também referência às “travelas dos Passos”, que eram bolos vendidos no dia da procissão dos Passos que as crianças comiam no Monte do Calvário (monte no centro da vila), eram também vendidos aos forasteiros que visitavam Mação por ocasião da mais importante festividade tradicional, que se mantinha mais de 140 anos antes de 1786, e tinha como objetivo principal alimentar a população mais pobre” (Matos, 2017, p. 20).

Esta Capela do Calvário está muito conotada com a Semana Santa, ali se realiza em Domingo de Passos à tarde a Procissão dos Passos e o Sermão do Calvário e à noite o Sermão e a Procissão da Soledad. A atual capela foi o resultado da união de duas antigas, depois de obras patrocinadas por mecenas, entre os quais a D. Escolástica Pereira. Francisco Serrano, numa obra editada pela Câmara Municipal de Mação em 1973, intitulada *Viagem à roda de Mação* refere o seguinte:

No outeiro em cujas bases assenta a vila acham-se as antigas capelas de São Pedro e do Calvário. A Capela de São Pedro denota ter sido muito mais antiga do que a do Calvário. Junto a estas capelas havia uma sobreira colossal (...) [que] foi destruída na grande trovoadas que arrasou este concelho em 8 de Setembro de 1878. (p. 67)

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 2. Capela do Calvário (Fonte: <www.allaboutportugal.pt>)



Figuras 3 e 4. Pormenores do interior da Capela do Calvário (Fonte: CMM)

Capela de São Sebastião (Figuras 5 e 6)

Esta Capela sofreu as últimas alterações em 2012/2013. Nesse período foi construído volume à direita da capela para criar e conferir maior privacidade ao novo espaço mortuário da vila, libertando dessa função a Igreja da Misericórdia e a Igreja do Espírito Santo após o encerramento do hospital.

Sabe-se que a sua construção se relacionou com a Peste Negra, provavelmente construída à saída da povoação como forma de agradecimento pela proteção dada à população no tempo da pandemia. Atualmente tem uma forte conotação com a Semana Santa e a imagem de Nossa Senhora das Dores fica em vigília na véspera de Domingo de Passos.

Também Francisco Serrano, na obra já citada (1973) disse desta capela:

Todos os anos se fazia a festa de São Sebastião, tendo a caracterizá-la as lutas corpo a corpo, (...) para o exercício muscular que ali se realizavam. (...) O Festeiro de São Sebastião mandava fazer um bolo – fogaça (...) [e quem vencía aquelas lutas ficava com o bolo]. (p. 64)

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 5. Capela de São Sebastião (Fonte: Mação Antiga em https://www.facebook.com/Ma%C3%A7%C3%A3o-204931492851926/?tn-str=k*F)



Figura 6. Capela de São Sebastião (Fonte: <https://www.allaboutportugal.pt/en/macao/religion/capela-do-martir-de-sao-sebastiao>)

Ermida de Santo António (Figuras 7 a 10)

Imóvel de Interesse Público (IIP), construída no séc. XVI. O interior encontra-se revestido a azulejos policromos com a data de 1642 junto ao retábulo do padroeiro.



Figura 7. Ermida de Santo António (Fonte: CIM Médio Tejo, 2018)

De acordo com a Direção-Geral do Património Cultural,

Desconhece-se a data exata de fundação da Ermida de Santo António de Mação; no entanto, levantam-se algumas hipóteses sobre a sua criação. Segundo Francisco Serrano (SERRANO, 1972, p. 203) esta ermida foi construída nas imediações de uma torre que albergava frades do Convento de Santo António do Sardoa. Sabemos, porém, que estaria já edificada no segundo quartel do século XVII, uma vez que o seu interior possui um conjunto de azulejos policromos datados de 1642. O edifício desenvolve-se em planimetria retangular de nave única, cuja cobertura unifica este espaço e a cabeceira. A fachada principal, de pano único, é rasgada ao centro por portal de moldura reta, encimado por painel figurativo, ladeado à direita por janela e à esquerda por um púlpito exterior, de cantaria. Na empena do frontispício foi colocada uma sineira. O espaço interior é revestido por painéis de azulejos seiscentistas de

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

padrão policromo. A capela-mor, coberta com abóbada, é também revestida por azulejos de padrão, possuindo na parede fundeira um retábulo de talha dourada e policromada de sabor regional (DGPC, 2003).

Mas Francisco Serrano informa também que esta ermida estava no meio de acácias e pinheiros, que o seu terreiro era lugar de encontros, de brincadeiras e jogos (1935, p. 205) e que originalmente teria tido um teto apainelado, com pinturas alusivas aos milagres de Santo António. Esse teto estaria em mau estado e foi integralmente substituído por outro de pinho vulgar no século XIX (ver p. 204).

Tinha sido junto desta capela que existira uma pequena cerca, uma torre com um sino e um eremitério, onde os frades do Convento de Santo António do Sardoal "vinham recolher os borregos que todos os anos os criadores de gado lanígero davam em esmola àquele convento. Era ali que se iam juntando os cordeirinhos para, depois de todos recolhidos, serem levados para Sardoal" (Serrano, 1935, pp. 203-204).

Ver, também, Convento de Santo António do Sardoal ou Convento de Nossa Senhora da Caridade em <https://digitara.arquivos.pt/details?id=4203607> ou <http://www.sardoalmemoria.net/home/patrimonio-cultural/convento-de-santa-maria-da-caridade>.



Figuras 8, 9 e 10. Pormenores do interior da Ermida de Santo António (Fonte: CMM)

Capela seiscentista. De destacar apenas o revestimento interior de azulejos datados de 1642 de características barrocas. Estes são talvez provenientes da mesma fábrica dos que revestem as naves da Igreja Matriz da vila". "Planimetria longitudinal de nave única e tramo único, coincidência interior-exterior, volumes articulados da capela-mor, cobertura homogênea da nave e cabeceira em telhado de duas águas no exterior, massas dispostas na horizontal. Fachada principal de pano único no qual se rasga a porta simples de verga reta não moldurada, encimada por pequeno painel figurativo; à direita pequena janela quadrada e à esquerda saliência cilíndrica com acesso por dois degraus a modos de púlpito exterior; remate em empena triangular com as vertentes terminando na horizontal; fachada lateral direita com rodapé corrido de um banco em cimento e tendo ao centro o volume saliente de um contraforte retangular chanfrado; segue-se o volume quadrangular da cabeceira, também com rodapé em banco. Interior: nave revestida de azulejos policromos tipo padrão com friso na zona do rodapé, cornija e arco triunfal de volta perfeita, que apresenta no cimo painel cerâmico figurando Santo António; cobertura em teto de madeira de três águas. Capela-mor rebaixada com cobertura em abóbada de alvenaria em arco abatido; paredes revestidas com o mesmo tipo de azulejo e na parede fundeira retábulo de madeira pintada e dourada." "na cerca da ermida existiu um cemitério e uma torre, do qual diz o autor ainda restarem alguns vestígios, que recolhia os frades do Convento de Santo António do Sardoal; segundo o mesmo autor a capela tinha o teto apainelado e pintado com cenas da vida do Santo que no último quartel do séc. 19, estando em ruína, foi deitado abaixo e substituído pelo atual teto de madeira, por ordem de um tesoureiro da confraria de Santo António ou pela Junta da Paróquia. (DGPC, 1991)

Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora da Conceição (Figuras 11 a 18)

Imóvel de Interesse Público (IIP). É um templo de três naves, com colunas toscanas, e planta em cruz

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

latina (Figura 3). Foi mandado construir por Filipe II em 1597. Realce para os azulejos do arco triunfal e painéis historiados datados do século XVII, entre eles a Árvore de Jessé. Sofreu grande incêndio em 1715 que consumiu os altares de talha dourada, as esculturas e outros bens.



Figuras 12, a 18. Pormenores do interior da Igreja Matriz (Fonte: CMM)

Mandada construir por Filipe I de Portugal, a Igreja Matriz possui revestimento azulejar do século XVII datado em painel de São João Baptista (1644). Tem igualmente painéis azulejares do século XX, datados das décadas de 20 e 30.

Edificada em 1597, a Igreja Matriz de Mação é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. O interior é formado por três naves, com arcaria de volta redonda apoiada em colunas (...) [toscanas]..

Deslumbre-se com uma original composição em cerâmica alusiva à árvore de Jessé que decora um dos altares laterais." - <https://turismo.mediotejo.pt/index.php/visitar/fe/igrejas-e-capelas/igreja-matriz-de-macao>.

Nota: Ver o trabalho de António Cardoso (2009) sobre esta Árvore de Jessé em azulejos.

Catarina Matos (2017) na sua tese especifica:

Igreja renascentista do final do séc. XVI, mais precisamente em 1597. Apresenta-se como uma igreja de três naves e cinco tramos, divididas por arcos de volta perfeita sobre colunas toscanas de granito, revestida com azulejos policromos datados de 1644, com destaque para a representação de várias pessoas e acontecimentos da vida de Jesus e da Virgem. O altar-mor ostenta retábulos em talha dourada. Na cabeceira dois volumes desiguais de dois pisos do lado direito e um piso do lado esquerdo. Os tetos são em madeira de três planos e a capela-mor coberta por uma abóbada de berço. A torre sineira é ainda remanescente da primeira construção. Encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público. (p. 17)

Sobre os azulejos propriamente ditos (e que são uma característica desta Igreja), há informação disponível nos cadernos de atividades apresentados no próprio Museu Nacional do Azulejo (s.d.).

Genericamente diz-se do azulejo o seguinte:

consiste numa placa cerâmica quadrada (13/15 cm de lado), com uma das faces vidrada e decorada (brilho e cor). Normalmente reveste as paredes dos edifícios, embora também possa surgir em tetos e pavimentos. Com propriedades de reflexão de luz, calor e som, este material cerâmico de revestimento tão utilizado dentro como fora das nossas casas e edifícios, consegue ser, ao mesmo tempo, um revestimento durável, isolante, higiénico

(<<http://www.museudoazulejo.gov.pt/Data/Documents/Caderno%20de%20Actividades%202.pdf>>)

Ver também o que é dito sobre os azulejos em técnica de majólica:

aplicação de várias cores (óxidos e esmaltes) numa base coberta com vidro. Este processo significou um grande avanço técnico no século XVI (...) o de conseguir aplicar várias cores sem que elas se misturassem, antes e durante a cozedura

(<<http://www.museudoazulejo.gov.pt/Data/Documents/Caderno%20de%20Actividades%203.pdf>>)

Os "azulejos de padrão" (módulos que se vão repetindo) também revestem a Igreja e são caracterís-

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

tigos do século XVII, embora herdados dos hispano-mouriscos. A técnica utilizada é neste caso também a de majólica

Pode ver-se também O *azulejo português*, programa do Canal História (10,38 minutos) em <<https://www.youtube.com/watch?v=toNWuc2HxwE>>

Ver também informações sobre esta Igreja em Património Cultural (Direção-Geral do Património Cultural) em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73223>>.

Ver também descrição, cronologia, dados técnicos, materiais e bibliografia em <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2072>

Igreja do Espírito Santo – Antiga matriz de Santa Maria de Mação (Figura 19).

(...) foi entre finais do séc. XVII e inícios do séc. XVIII, igreja matriz da povoação. Revela uma arquitetura tardo-religiosa com duas torres sineiras na fachada principal. O seu interior é um espaço único diferenciado unicamente pela elevação do pavimento da capela-mor. (Matos, 2017, p. 17)

Foi construída no local onde já existia um anterior templo e, após um incêndio que houve na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em 1715, serviu até à sua reabilitação de Igreja Matriz. A imagem em pedra de ançã do Espírito Santo encontra-se atualmente e após exposição em Abrantes em 1924, no Museu de Mação. Hoje a imagem de maior devoção na Igreja é da Nossa Senhora das Candeias.

A fachada é ladeada por dois corpos com sineiras, com o espaço reservado à capela-mor apenas diferenciado por uma maior elevação do pavimento. No interior tem retábulos de talha barroca. – Ver <https://turismo.mediatejo.pt/index.php/32-portugues/visitar/fe/igrejas-e-capelas/381-ermida-do-espírito-santo>

Ermida tardo-barroca com uma fachada ladeada por dois corpos com sineiras e com um telhado de duas águas. A capela atual foi construída nos finais do século XVII/ inícios do século XVIII, no local onde já existira um antigo templo. (<https://www.allaboutportugal.pt/pt/explore/?city=6&cat=Monument>)

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.



Figura 19. Igreja do Espírito Santo em Mação (Fonte: <www.allaboutportugal.pt>)

Para iniciação à exploração da problemática e associando a possibilidade de construção de um portefólio, sugerem-se algumas atividades a realizar com os alunos antes da visita de estudo a alguns dos edifícios religiosos de Mação com os alunos dos diferentes ciclos do ensino básico, desde que devidamente adaptadas ao respetivo ano de escolaridade:

A.1. Localizar num mapa os edifícios religiosos a visitar, tendo em conta o percurso mais adequado (ver Figura 1).



Figura 1. Percurso proposto para visita a algum do património religioso do concelho de Mação (Fonte: CMM). 1 – Capela do Calvário; 2 – Capela de São Sebastião; 3 – Ermida de Santo António; 4 –

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora da Conceição; 5 – Igreja do Espírito Santo

A.2. Consultar e discutir a notícia “À Descoberta. Mação, um regresso à pré-história” (Gameiro, 2017), que inclui a indicação de algum do património religioso do concelho.

A.3. Recolha de informações prévias sobre os conhecimentos que os alunos possuem dos edifícios religiosos (que deverão ser depois aferidos com a observação no local).

A.4. Preparar a elaboração de entrevistas a familiares ou conhecidos, com o objetivo de recolher informações que possuam sobre o património edificado de cariz religioso. A organização dos elementos recolhidos, e que fazem parte do património imaterial da comunidade, permitirá aferir as memórias com a realidade, aquando da visita aos locais.

Para elaborar uma ficha de recolha dos elementos patrimoniais que ainda estão presentes na memória das pessoas entrevistadas ver, por exemplo, as fichas complementares que estão a partir da p. 59 na obra *Kit de recolha do património imaterial* (Instituto dos Museus e da Conservação, 2011).

A.5. Partindo das plantas das várias igrejas, de imagens e outros documentos pretende-se que sejam identificadas as várias figuras e sólidos geométricos presentes nesses materiais. A partir das plantas poderão ser identificadas as semelhanças e as diferenças das várias igrejas. Outras imagens podem proporcionar a identificação de figuras e sólidos geométricos de interesse.

A.6. Reflexão sobre as razões pelas quais se terão construído em Mação tantos templos cristãos, independentemente das dimensões serem muito diferentes, ou seja, introduzir a problemática deste guião: Igrejas, capelas e ermidas – construí-las porquê, para quê? Património religioso – preservar para quê?

A.7. Preparação e organização de materiais de apoio ao trabalho de campo (grelhas de recolha de dados, bloco de notas, máquina fotográfica, entre outros) e também sobre como recolher os dados no local. Debate relativo às regras de segurança a ter em conta no percurso e espaço.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

No contexto deste guião, propõe-se uma visita a alguns exemplos do património edificado de cariz religioso em Mação: Capela do Calvário, Capela de São Sebastião, Ermida de Santo António, Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora da Conceição e Igreja do Espírito Santo.

B.1. Sugere-se que se façam fichas de inventário para cada um dos edifícios visitados. Exemplificam-se alguns elementos que essas fichas poderão conter:

1. Identificação do edifício;
2. Localização;
3. Datação (se houver elementos);
4. Materiais utilizados no exterior;
5. Materiais utilizados no interior;

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

6. Estado de conservação do exterior / do interior;
7. O que já sabe / ouviu dizer sobre o local;
8. O que lhe parece/sugere o local envolvente (o que existe à volta e o que se avista);
9. Descrever as características exteriores e interiores com pormenor;
10. Identificar se houve ou não alterações à estrutura primitiva e quais;
11. O que lhe pareceu mais curioso e porquê;
12. Se gostaria de modificar algo e porquê,
13. Função de determinado objeto que tenha sido observado.

Outros pormenores que podem ser incluídos nessas fichas de observação:

- Descrever a fachada;
- Tipo de aberturas;
- Tipo de cobertura;
- Materiais de acabamento utilizados e cores;
- Elementos decorativos e onde se localizam;
- Diferenças entre ornamentos colocados no exterior e no interior;
- Identificação de esculturas, painéis azulejares, revestimentos internos;
- O que escolheriam para fotografar/desenhar? Porquê?

B.2. Em cada um dos locais, também se podem observar e registar os seguintes aspetos:

- Tipo de terreno / formas de relevo;
- Localização absoluta (latitude/longitude);
- Recursos naturais observáveis;
- Diferentes tipos de património (natural, construído, móvel, imóvel...).

B.3. Durante a visita poderão ser recolhidos dados que permitam calcular perímetros, áreas e volumes das figuras e sólidos identificados na fase anterior, para posterior cálculo e dimensionamento desses elementos.

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Reunir toda a informação e discutir formas de intervenção (no local, no edifício...) que possam ser apresentadas às entidades competentes do município – é uma forma de responder a uma das problemáticas: Património religioso, preservar para quê?

Debater e refletir conjuntamente.

Construir cartazes informativos e de campanha para a preservação do património histórico-religioso.

C.2. Construir uma maqueta com itinerários e outros monumentos edificados de cariz religioso, articulando vários saberes disciplinares.

C.3. Recriar aspetos construtivos: frisos, rosáceas, pavimentações, partindo da observação dos azulejos e outros elementos decorativos existentes nos monumentos visitados.

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.4. Recriar pequenos textos em diferentes formas de expressão (musical). Explorar fontes sonoras diversas. Criar ambientes sonoros, pequenas peças musicais, com base no que se vivenciou nas visitas de estudo aos edifícios religiosos de Mação.

C.5. Calcular as dimensões reais a partir dos dados recolhidos na fase anterior e estabelecer relações que possam caracterizar o património religioso da região.

C.6. Conclusão do portefólio e discussão final da problemática deste guião: Igrejas, capelas e ermidas – construí-las porquê, para quê? Património religioso – preservar para quê?

AVALIAÇÃO

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento das atividades e competências mobilizadas em cada fase, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portefólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e da(s) resposta(s) à problemática(s) em cada guião da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Cardoso, A. (2009). *Árvore de Jessé, Igreja Matriz de Mação*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.
- CMM (Câmara Municipal de Mação). (2018a). *História*. Disponível em: <<http://www.cm-macao.pt/index.php/pt/concelho/historia>> (acesso em outubro de 2018).
- CMM (Câmara Municipal de Mação). (2018b). *Freguesias*. Disponível em: <<http://www.cm-macao.pt/index.php/concelho/historia/107-info-municipal/concelho>> (acesso em outubro de 2018).
- CMM (Câmara Municipal de Mação). (2018c). *Património*. Disponível em: <<http://www.cm-macao.pt/index.php/pt/concelho/patrimonio>> (acesso em outubro de 2018).
- Costa, P.F. da (Conceção e coordenação) (2011). *Kit de recolha de património imaterial*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto dos Museus e da Conservação.
http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Património%20imaterial_Integral.pdf (acesso em agosto de 2018)
- Instituto dos Museus e da Conservação (2011). *Kit de Recolha de Património Imaterial*.
http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Património%20imaterial_Integral.pdf) (acesso em agosto de 2018).
- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (2003). Ermida de Santo António. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73890>>.
- DGPC (Direção-Geral do Património Cultural). (1991). Ermida de Santo António. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2085>.
- Gameiro, C. (2017). À descoberta. Mação, um regresso à Pré-História. *Mediatejo.net*, disponível em <http://www.mediatejo.net/a-descoberta-macao-um-regresso-a-pre-historia/>
- Matos, C. S. (2017). *Mação, uma vila a (re)vitalizar. Requalificação da Identidade e da Memória da Arquitetura e do Lugar, Criação do Centro Cultural e de Investigação*. Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Museu do Azulejo (s.d.). Recursos online: professores. Disponível em: <<http://www.museudoazulejo.gov.pt/pt-PT/Recursos/Professores/ContentList.aspx>>.
- Pereira, M. A. H. (1970). *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*. Mação: Câmara Municipal de Mação.
- Serrano, F. (s.d. [1935]). *Elementos históricos e etnográficos de Mação*. Ferreira do Zêzere: Tipografia Ferreirense.
- Serrano, F. (s.d. [1973]). *Viagem à roda de Mação (1862-1972). Por ordem da Câmara Municipal de Mação*. [Mação]: Câmara Municipal de Mação.

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR

- Sistema de informação para o **património arquitetónico**:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2085
- Sugere-se que possa ser visualizado previamente pelos professores que não conhecerem bem a região o **programa da rubrica Horizontes da Memória VII intitulado “Um passeio em Mação”**, RTP Arquivos – programa de José Hermano Saraiva. Interessa visualizar a partir do minuto 3,26. Mação surge ao minuto 11,57 – disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/um-passeio-em-macao/> . É um filme sobre aspetos genéricos da região, da sua história e sobre as ocupações tradicionais das gentes.
- Sobre a **Cronologia do Azulejo em Portugal** ver o sítio digital do Museu Nacional do Azulejo, disponível em:
<http://www.museudoazulejo.gov.pt/Data/Documents/Cronologia%20do%20Azulejo%20em%20Portugal.pdf>
- Sobre a **Árvore de Jessé** ver: Cardoso, A. (2009). *Árvore de Jessé, Igreja Matriz de Mação*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar.

FICHA

Título: Guião Pedagógico – Mação - Visita de Estudo à Capela do Calvário, à Capela de São Sebastião, à Ermida de Santo António, à Igreja Matriz ou Igreja da Nossa Senhora da Conceição e à Igreja do Espírito Santo

Âmbito: Plano Estratégico de Desenvolvimento Intermunicipal da Educação no Médio Tejo (PEDIME) - Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo

Editor:

COMUNIDADE INTERMUNICIPAL DO MÉDIO TEJO
Município de Mação

Organização:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa



Equipa:

Raquel Henriques (Org.)
Rute Perdigão
Sílvia Ferreira
António Domingos
Susana Gomes

Colaboração:

Instituto Terra e Memória

Data: fevereiro 2019

Revisão: abril de 2019